

# LEITURA DELEITE NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: ENTRELAÇANDO PRESSUPOSTOS E PRÁTICAS DO/NO PROGRAMA NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

Simone de Souza Silva \*

Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante \*\*

**Resumo:** O artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa de mestrado intitulada “Práticas de ‘leitura deleite’ nos anos iniciais: contributos do Pnaic na/para mediação docente”. Esta investigação teve por objetivos: analisar como a formação vivenciada no Pnaic, contribuiu para a prática da leitura deleite em sala; e verificar a influência da leitura em voz alta na formação do aluno-leitor do terceiro e quarto ano do ensino fundamental. Esta investigação, de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, foi desenvolvida em uma escola pública da rede Municipal de ensino de Maceió. Os resultados apontam que as professoras apresentam um entendimento sobre a leitura deleite que se aproxima das orientações do Pnaic, de certo modo também, são atravessadas por suas práticas de leitura realizadas ao longo de suas histórias de vida e profissional. E que as práticas curriculares de leitura deleite planejadas, e realizadas em voz alta pela professora, reverbera na memória afetiva das crianças, gerando paisagens sonoras embaladas pela voz da professora que lê neste processo de recepção do texto lido em voz alta.

**Palavras-chave:** Políticas de Formação de Professores. Práticas curriculares. Leitura. Pnaic.

## READING DELIGHT IN LITERACY CYCLE: BINDING ASSUMPTIONS AND PRACTICES FROM/IN THE BRAZILIAN PROGRAM FOR RIGHT LITERACY

**Abstract:** The article presents the partial results of the master's research entitled "Practices of 'reading delight' in the initial years: contributions of the Pnaic in / to teacher mediation". This research had as objectives: to analyze how the training experienced in the PNAIC, contributed to the practice of reading in the room; and to verify the influence of the reading aloud in the student-reader formation of the third and fourth year of elementary school. This research, of a qualitative nature, of the case study type, was developed in a public school of the Maceió Municipal School network. The results indicate that the teachers present an understanding about the reading pleasure that approaches the orientations of the Pnaic, in a way also, they are crossed by their practices of reading realized to the soon of their histories of life and professional. And that the planned curricular reading practices delight, and carried out aloud by the teacher, reverberates in the affective memory of the children, generating sonorous landscapes packed by the voice of the teacher who reads in this process of reception of the text read aloud.

**Keywords:** Teacher Training Policies. Curricular practices. Reading. Pnaic.

### Introdução

O presente texto apresenta os contributos da leitura deleite (GERALDI, 1997; CANDIDO, 1975; BRENMAN, 2005; AMARILHA, 2003) na ampliação do letramento literário (COSSON, 2016/2017) de estudantes dos anos iniciais, com base nas

orientações curriculares fornecidas pelo Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/Pnaic. Os dados foram coletados na ocasião do desenvolvimento de uma investigação<sup>1</sup> de mestrado em Educação Brasileira, na linha de pesquisa Educação e Linguagem. O Pnaic/2012, ratifica o lugar da leitura deleite no ciclo de alfabetização, ao propor diversificadas situações didáticas para este ciclo, sobretudo ao demonstrar interesse em analisar as práticas dos/as professores/as que passaram pela formação continuada. E o caderno “Orientações de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” (BRASIL, 2012), incentiva tanto a leitura literária quanto a de outros textos com os mais variados propósitos comunicativos.

O Pnaic, enquanto política de formação continuada, surge quatro anos depois de outro programa voltado para o professor alfabetizador, intitulado Pró-Letramento que capacitou os docentes nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Observa-se semelhanças entre os referidos Programas, tanto em relação aos conteúdos quanto aos momentos destinados à leitura literária por meio da realização de oficinas. Vale salientar que a descontinuidade nos moldes dos Programas de formação destinados aos professores alfabetizadores ocorre tanto na esfera estadual quanto na municipal, seguindo analogamente na esfera federal, mas segundo Lovato (2016), são os docentes que vêm participando ao longo dos últimos anos de ações formativas específicas no que concerne a alfabetização que apresentam mudanças significativas no tocante ao ensino da leitura, da escrita e da matemática.

A problemática, foco da investigação, consistiu em analisar como o professor dos anos iniciais faz a transposição didática<sup>2</sup> entre o que propõe o Pnaic sobre práticas de leitura deleite, no ciclo de, e o que, de fato, acontece nas mediações da prática de leitura deleite em sala de aula.

A leitura deleite, objeto da pesquisa, como mostraremos ao longo do artigo, foi caracterizada a partir das orientações do Pnaic. Considerando que este programa de formação para professores alfabetizadores apresenta e propõe várias situações didáticas direcionadas às práticas de leitura para o ciclo de alfabetização. Interessou-nos analisar as práticas de professores que passaram por este espaço

formativo, e direcionando o olhar para o modo como as reverberações destas práticas, em contextos formativos, repercutem na formação leitora das crianças.

Defendemos, ao longo deste artigo, que o espaço favorável ao fomento a leitura, que tem como principal propósito promover o prazer, o deleite e o desfrute saboroso do texto, é a escola. Uma escola que proporcione desde a infância o contato com o mundo da leitura, o deleitar-se com os diversos gêneros que circulam no mundo letrado.

Nesse processo formativo, interessa-nos saber quais foram as aprendizagens adquiridas no processo de formação leitora das crianças, em relação às histórias lidas em voz alta pelo/a professor/a. Segundo Guerra, “[...] ao escutarem uma história, os ouvintes se distanciam momentaneamente da realidade objetiva e num processo catártico experienciam emoções que contribuem para o processo de maturação.” (GUERRA, 2003, p. 98), gerando no sujeito a possibilidade de uma participação mais crítica na sociedade.

A intenção desta pesquisa, ao realizar as observações das aulas e reservar um momento de escuta com as crianças, foi de procurar identificar de que forma o/a professor/a lê para as crianças, e como sua voz e corpo potencializam ou não, a recepção do texto pelos alunos, e quais experiências com a leitura elas têm além dos muros da escola.

O artigo está organizado em quatro momentos: no primeiro, apresentamos as orientações do Pnaic relacionadas às práticas de leitura deleite para o ciclo de alfabetização; no segundo, estabelecemos um diálogo sobre a natureza epistemológica das práticas de leitura deleite; no terceiro, descrevemos os procedimentos metodológicos da investigação; no quarto, procedemos a análise dos dados entrelaçando o conceito e as práticas de leitura deleite; e por fim, tecemos as considerações finais.

## **1 Pnaic e orientações de práticas de leitura deleite**

O Pnaic, em seu Caderno intitulado “Orientações de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” (2012), legitima o lugar para a leitura, tanto do texto literário, como de outros textos com os mais variados propósitos

comunicativos em sala de aula, procurando assim promover o incentivo à leitura. No contexto, ao professor/a alfabetizador/a é atribuída a responsabilidade de viabilizar o contato agradável com o texto literário, provocando sentimentos prazerosos através das palavras ditas.

O diálogo, tecido nesse artigo, entre as premissas do Pnaic e autores que validam a importância de um trabalho sistemático com literatura na formação do/a aluno/a leitor/a, é relevante a medida que se propõem a perceber o processo de resignificação das práticas, visto que o texto literário, em sua singularidade, é permeado pela beleza das palavras. Nessa perspectiva Riter defende que:

[...] a matéria-prima da literatura são as palavras. Palavras artisticamente elaboradas [...] o prazer da leitura reside na possibilidade que as palavras têm de nos encantar, de construir diante de nós um universo novo, mágico [...] permite-nos viver experiências novas, permite-nos colocar no lugar do outro. (RITER, 2009, p. 52).

Sem dúvidas que, para gerar encanto, faz-se necessário encarar o desafio colocado frente às práticas de leitura literária na escola, sobretudo quando temos a intenção de formar estudantes desejosos pela leitura e que essa prática possa se tornar hábito para além dos muros da escola. O Pnaic defende que o momento para o deleite literário é uma estratégia significativa no processo de formação tanto de professores alfabetizadores como na formação dos alunos leitores, pois:

[...] favorece o contato do professor com textos literários diversos. O momento da leitura deleite é sempre de prazer e reflexão sobre o que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. É ler para se divertir, sentir prazer, para refletir sobre a vida. Tal prática, no entanto, não exclui as situações em que se conversa sobre textos, pois esse momento também é de prazer, além de ser de ampliação de saberes. (BRASIL, 2012, p. 29).

É preciso que a leitura para o prazer também tenha espaço na rotina escolar, bem sabemos que “[...] o processo de divisão entre trabalho e lazer, pensamento e emoção, ciência e arte, vivido na sociedade, é reproduzido pela escola.” (WARSCHAUER, 1993, p. 28). Sendo assim, há que se pensar nas práticas de leitura, que ocorrem na sala de aula, bem como no momento para proporcionar

emoção, prazer e deleite através do texto que é uma representação da arte estética, denominado como texto literário.

Para o Pnaic (BRASIL, 2012) a leitura deleite é uma estratégia propulsora de prazer a partir do contato com os textos literários e do professor-leitor ao se tornar referencial ao praticar a leitura em voz alta para a classe. O caderno 3, do referido Programa, (BRASIL, 2012), sinaliza para o professor do terceiro ano a necessidade da realização de atividades que tenham por objetivo a fluência leitora das crianças, sugerindo que tais atividades sejam prioritárias na rotina de sala de aula. Percebe-se ao fazer análise documental dos cadernos do referido programa que esta é uma premissa que perpassa o material destinado aos docentes tanto do primeiro quanto do segundo ano.

Corroborando com a premissa do ler por prazer bem presente no Pnaic Ferrarezi Júnior e Carvalho nos alertam sobre a relação prazerosa com a leitura que nos proporciona discernir que “[...] uma experiência estética com o mundo só existe quando aquele que tem contato com esse mundo o enxerga, o reconhece por um prisma estético.” (FERRAREZI JÚNIOR; CARVALHO, 2017, p. 28). Os autores ainda contribuem dizendo que esta relação é “algo plenamente natural, diga-se de passagem – o experimenta como algo que lhe traz prazer ou desprazer, que evoca beleza ou a falta dela e, disso, esse experienciador se torna *sujeito* de sua relação com o mundo.” (FERRAREZI JÚNIOR; CARVALHO, 2017, p. 28).

O Pnaic trouxe um destaque interessante acerca da leitura deleite, no caderno de orientações para a formação de professores (BRASIL, 2012), ao explicitar o princípio da prática de ler leitura por prazer, sendo esta uma estratégia de formação vivenciada nos encontros formativos de professores. O material curricular do Programa explicita que:

Essa estratégia [leitura deleite] é muito importante nos processos de formação de professores alfabetizadores, pois favorece o contato do professor com textos literários diversos. O momento da leitura deleite é sempre de prazer e reflexão sobre o que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. É ler para se divertir, sentir prazer, para refletir sobre a vida. Tal prática, no entanto, não exclui as situações em que se conversa sobre textos, pois esse momento também é de prazer, além de ser de ampliação de saberes. (BRASIL, 2012, p. 29).

O prazer do texto tem uma ligação com o efeito provocado pela estratégia do uso da leitura deleite ao ser lida em voz alta, principalmente quando acontece na voz de um leitor mais experiente, por exemplo, o/a professor/a, sujeito de quem se espera um certo preparo e planejamento no momento que antecede a leitura em voz alta, potente oportunidade de as crianças conhecerem as obras de literatura infantil.

Ao realizar a análise documental dos cadernos curriculares do Pnaic (BRASIL, 2012) constatamos ainda que a leitura deleite aparece nos Cadernos de Formação dos Professores Alfabetizadores enquanto direito de aprendizagem. É possível recuperar este direito legitimado pelo programa no que se refere aos Direitos Gerais de Língua Portuguesa, logo no caderno 1 do ano 1 é dito que é direito da criança do ciclo de alfabetização “apreciar e usar em situações significativas os gêneros literários do patrimônio cultural” (BRASIL, 2012, p. 32). Ressaltamos que este modo de ler literatura decorreu metodologicamente nos encontros formativos de professores, compondo uma atividade permanente prenunciada nas pautas da formação.

Na perspectiva de Geraldi (1997), para proporcionar o “deleite”, é importante que o/a professor/a se permita apreciar a beleza do texto, sem perguntas prévias, sem querer usá-lo para outros fins que não seja única e exclusivamente para fins estéticos, senti-lo por completo, sempre com olho na história, pois ela é o ator principal. Segundo Candido, a literatura torna-se coletiva, “[...] na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma ‘comunicação’.” (CANDIDO, 1975, p. 139).

É na prática de ler para deleite que o docente possibilita aos alunos o acesso à literatura em um encontro capaz de provocar “[...] deslumbramento, fascinação, estranhamento.” (BRENMAN, 2005, p. 75), ao mesmo tempo em que, gera no ouvinte uma expectativa pelo que está por vir, pelos acontecimentos que por certo aparecerão. Tais fatos são acompanhados, atentamente ao desenrolar da trama – é um processo sofrido, no qual o permanecemos ansiosos ou até mesmo demonstramos contentamento em face aos fatos da trama.

Nessa perspectiva, Candido argumenta que “[...] não há literatura enquanto não houver congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens

pertencentes a um grupo.” (CANDIDO, 1975, p. 139). Em outras palavras, é preciso criar espaço oportuno para mediações de leitura literária, porque são estes espaços que prestigiam e propiciam a produção de sentidos. É no ato de compartilhar literatura que percebemos a imponência que se constitui tal ato, uma vez que a leitura não se dá apenas no sentido rigoroso da palavra, visto que ela traz consigo também inúmeras construções de sentidos feitas pelos leitores. Ao se fazer isso, está-se cuidando do texto.

Neste contexto, a escola deve primar tanto pela qualidade do texto a ser lido para/com os discentes quanto como a forma a ser lida, pensando sempre que “[...] a qualidade da mediação entre o leitor em seus primeiros ensaios com a matéria literária constitui-se, assim, aspecto fundamental a ser considerado ao longo desse processo.” (SILVA, 2013, p. 56).

A leitura na escola necessita de um mediador que particularize a leitura com gestos e um modo singular de ler, capaz de influenciar diretamente a conexão das crianças com os livros, possibilitando que elas possam identificar na ficção as intenções do autor ao gerar temor, compaixão, prazer, permitindo ao leitor ir das lágrimas ao riso (AMARILHA, 2003). Dessa forma, o texto conduz, em sua essência a capacidade de acionar reações emotivas e cognitivas. Logo, as crianças em transcurso de formação leitora aproximam-se, no espaço destinado para a leitura deleite, lugar particularizado de experiências, com a literatura, fazendo desse lugar espaço mediador de ampliação de conhecimento entre elas e o mundo que as cerca (SILVA, 2013). É assim que, a linguagem literária se torna um instrumento significativo de intervenção na vida interior delas (KLEIMAN, 2013).

## **2 Práticas de leitura deleite**

Percebe-se que a leitura em voz alta se constitui em uma porta de entrada para o encontro da criança e a beleza do texto literário, gênero este repleto de fascínio e magia. Bajard (2005, p. 32) destaca que a “[...] prática de leitura está fortemente associada à emissão sonora do texto”. Buscando estabelecer um diálogo entre Bajard e Zumthor em relação ao despertar do encantamento e do prazer ao ouvir o texto literário, é necessária uma performance do leitor. Para Zumthor, “[...]”

performance se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual.” (ZUMTHOR, 2014, p. 41).

No processo de formação leitora das crianças, destacam-se as que fazem parte dos anos iniciais do ensino fundamental; é crucial, de acordo com Riter, despertar nelas “[...] a capacidade do maravilhamento com uma rima, com uma construção frasal, com a beleza que as palavras, muitas vezes recriadas ou usadas num sentido não literal, podem propiciar.” (RITER, 2009, p. 53).

Durante o processo de formação leitora das crianças, Riter destaca que é preciso:

[...] perceber que a leitura tem de ser capaz de oferecer, neste mundo globalizado e facilitador, um prazer diferenciado, que só ela mesma pode propiciar. Prazer que não pode ser substituído por outro. Prazer singular, *sui generis*. O prazer da descoberta do tanto de magia que as palavras, em sua possibilidade de construir histórias e arquitetar poemas, têm. (RITER, 2009, p. 53).

É a leitura deleite, potente estratégia para proporcionar o prazer da descoberta da magia das palavras dentro do enredo dos textos literários, é preciso ler literatura na escola. Para Ferrarezi Júnior e Carvalho, “[...] o que de melhor a escola pode fazer com os alunos para torná-los leitores é propiciar situações de contato e de liberdade com o livro, estimulando uma experiência prazerosa com a leitura.” (FERRAREZI JÚNIOR; CARVALHO, 2017, p. 79). Dessa forma, para que a prática leitora se consolide na sala de aula, faz-se necessário a criação desse espaço no currículo escolar, um espaço de mediações de leitura capaz de valorizar e propiciar a produção de sentidos.

A ação de ler literatura para as crianças em processo de formação leitora torna-se imprescindível, visto que, é dotada de riqueza, riqueza esta que não se dá apenas no sentido rigoroso da palavra, mas também pelas inúmeras possibilidades de construção de sentidos feitas pelos leitores.

A riqueza do texto literário é marcante na formação de um estudante, que já vem descrita junto a origem da palavra texto, do latim *textos* “que se liga ao verbo *tecere*, que significa ‘fazer tecido’, ‘entrelaçar’” (TERRA, 2018, p.11). Ainda segundo Ernani Terra (2018), a construção do sentido de um texto não está apenas no texto

em si, mas no processo construído juntamente entre autor e leitor/ouvinte. Esse autor argumenta que o texto literário possui como condição a pluralidade de sentidos. Cita como exemplo o livro, é uma obra aberta, para ser preenchida pelos inúmeros sentidos construídos pelo leitor, uma vez que cada leitor é singular e constrói de forma singular diferentes sentidos para um mesmo texto (TERRA, 2018).

Reiteramos aqui a importante prática da “leitura deleite” na escola dos anos iniciais, uma vez que é pela voz do/a professor/a ou de outro/a companheiro/a mais experiente que a leitura oralizada de histórias estimula o diálogo entre os sujeitos. Para Filipouski “[...] atividades de construir sentidos conjuntamente estão sempre no centro da leitura que procurar ampliar oportunidades de letramento.” (FILIPOUSKI, 2009, p.11).

Espera-se que esse sujeito “mais experiente” que media a leitura de literatura, seja por princípio um leitor e que tenha vivido o “deleite” literário em sua trajetória leitora, e que ao realizar a leitura em voz alta tenha como e único propósito “[...] compartilhar com eles uma narrativa sem querer nada em troca, só simplesmente pelo fato de saber que contar é bom e ouvir, ainda melhor.” (BRENMAN, 2005, p. 106).

Portanto, consideramos que é na leitura “[...] gratuita de literatura em voz alta, [que] o aluno pode compreender que o ganho está não nas respostas certas, e sim no próprio prazer de entrar em contato com a arte literária.” (BRENMAN, 2005, p. 112), sendo capaz de contribuir que além do prazer em apreciar a leitura em voz alta e desenvolver o interesse em realizar essa arte.

### **3 Procedimentos metodológicos**

A pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, fundamentada numa relação ativa entre o sujeito da pesquisa e seu contexto. Investigamos as relações estabelecidas pelas práticas do deleite literário, na formação leitora dos estudantes de uma turma do terceiro ano e outra turma do quarto ano do ensino fundamental, de uma escola da rede Municipal de Ensino de Maceió.

Nosso percurso metodológico ocorreu em duas linhas: a primeira constituiu-se na análise documental dos cadernos curriculares de 2013 do Pnaic, além da leitura

de teses e dissertações que corroborassem com a pesquisa, dentre elas Pastorello (2010), e Lovato (2016), a primeira trouxe destaque sobre a leitura em voz alta e a apropriação da linguagem já a segunda investigou o Pnaic no município de Castelo/ES; a segunda linha de trabalho sustentou-se a partir da pesquisa de campo, por meio de sete momentos de observações em cada turma, entrevistas e duas rodas de conversas, sendo uma para cada turma.

Os dados foram coletados em duas turmas, sendo uma turma do 3º ano do ensino fundamental e outra turma do 4º ano, buscando a partir de suas singularidades, identificar a influência do Pnaic nas práticas de leitura realizadas na escola, por professores que participaram do referido programa. Optamos em analisar as práticas relacionadas à “leitura deleite<sup>3</sup>” nas turmas cujos estudantes tivessem desde o primeiro ano estudado com professores/as que cursaram o citado programa de formação continuada. Ressaltamos ainda que nossa opção em trazer os achados da turma de 4º ano, se deu na perspectiva de identificar a formação leitora de estudantes que tiveram desde o 1º ano professores/as que cursaram o Pnaic e que pelo menos em tese praticava a leitura para deleite e que acabara de concluir este ciclo.

A pesquisa buscou compreender melhor a influência da “leitura deleite” no processo de formação do aluno-leitor, partindo da seguinte indagação: como o Pnaic influenciou a prática pedagógica do/a professor/a ao proceder à leitura deleite em voz alta?

Tivemos como unidade de análise o desenvolvimento da formação leitora das crianças, tendo como referência a leitura deleite realizada pelo/a professor/a, momento destinado à leitura em voz alta, que é uma orientação metodológica proposta pelo Programa Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), cujas professoras participantes da pesquisa fizeram parte. *A priori*, as categorias de análise da pesquisa foram: leitura, leitura deleite e aluno leitor.

A amostragem da pesquisa se deu com as duas professoras alfabetizadoras do terceiro e do quarto ano do ensino fundamental, que participaram do Pnaic 2013-2014. O intuito investigativo foi entender as contribuições do Pnaic para a prática de leitura deleite, e como essa ação reverbera na formação leitora das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental.

O critério de escolha de apenas duas professoras se deu: em primeiro lugar, por terem sido as únicas dentro da escola Flor de Lis a aceitarem corroborar com a pesquisa; em segundo lugar, que as partícipes tivessem cursado o Pnaic no período 2013-2014; e, em terceiro lugar, que fossem docentes em turmas de terceiro e quarto ano, visto que nosso intuito era identificar os achados nas respectivas turmas no que se refere ao lugar do “deleite” dentro da rotina de sala de aula. Ressaltamos que o período observado correspondeu ao primeiro semestre de 2016.

O cenário da pesquisa é uma escola pública municipal de Maceió, aqui denominada de forma fictícia de Escola Flor de Lis, situada na periferia da parte alta desta cidade, mais precisamente em um dos conjuntos do Tabuleiro do Martins. Possui um total de 70 servidores entre funcionários e professores e funciona nos turnos matutino e vespertino. O prédio é de grande capacidade, possui cerca de 20 salas de aula, sala de professor, secretaria, sala da equipe diretiva, quadra de esportes coberta, refeitório, banheiros, despensa para a merenda escolar.

Por ocasião da pesquisa de campo, que ocorreu no período de julho a novembro de 2016, nas duas turmas observadas havia 23 estudantes na turma do 3º ano e 22 na turma do 4º ano. A turma do 3º ano apresentava o seguinte perfil em relação ao sistema de aquisição da escrita alfabética: 11 crianças que não liam com fluência, sete na fase silábica e silábico-alfabético, e três pré-silábicos. Essas crianças estudavam na escola desde o primeiro ano (2014) e concluíram o 3º ano em 2016, com o seguinte desempenho: 15 alunos alfabetizados, seis silábico-alfabéticos e dois silábicos.

Com relação à turma do 4º ano, dos 22 estudantes matriculados apenas um não estudou na escola desde o 1º ano. Essa turma foi acompanhada pela mesma professora no terceiro e quarto ano. A turma iniciou o 4º ano com todos os estudantes sabendo ler e produzindo textos previstos para o ano.

No que diz respeito às experiências dos estudantes das turmas de 3º e 4º ano, constatamos através das Rodas de Conversa as memórias afetivas das crianças com relação aos momentos de leitura fruição dos quais eles participaram, recuperar tais memórias é “[...] penetrar em seu interior, registrando sua(s) história(s) é também caminhar no sentido de um aprofundamento da compreensão das relações ali estabelecidas entre seus habitantes e o conhecimento.”

(WARSCHAUER, 1993, p. 31) para que só assim, possamos apurar nossa escuta para as falas das crianças.

As análises dos cadernos curriculares do Pnaic nos possibilitaram identificar a sustentação do programa acerca da prática de “leitura deleite” promovendo aprofundamento sobre o olhar do objeto de pesquisa. O segundo procedimento nos forneceu o *corpus* para as análises.

As observações das aulas se deram com o intuito de presenciar as condições em que o/a professor/a realizava a “leitura deleite” em voz alta, além de perceber as concepções que as sustentavam. Para André, “[...] as observações dirigem o pesquisador para a compreensão do caso.” (ANDRÉ, 2005, p. 52). Conforme Marconi e Lakatos, a observação é “[...] uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 190).

Posteriormente realizamos a aplicação de questionários com as duas professoras, segundo Marconi e Lakatos, o questionário é “[...] um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 201).

Nossa terceira etapa realizamos a entrevista semiestruturada com as professoras, o instrumento possui como foco as perguntas formuladas e relacionadas ao tema pesquisado (MANZINI, 1991; TRIVIÑOS, 1987). Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada possui como característica principal a afinidade entre os questionamentos e a relação destes com a teoria e as hipóteses pautadas ao tema pesquisado.

Realizamos na quarta etapa a roda de conversa com os estudantes da escola pesquisada, tínhamos como finalidade promover um espaço de troca de experiências sobre as memórias afetivas com as leituras, vivenciadas através da “leitura deleite” realizada pelo docente. Estabelecemos alguns combinados com as crianças, como por exemplo que eles eram livres para responder ou nas as perguntas que seriam feitas. Elaboramos um roteiro prévio de perguntas, dentre elas algumas eram desdobramentos de situações observadas em sala de aula durante a

leitura. Nosso propósito era de discernir a significação daquele momento para as crianças, pessoas em percurso de formação leitora. Buscamos para a roda de conversa subsídios na entrevista coletiva (SZYMANSKI, 2004) e no grupo focal (GATTI, 2005) para fundamentar sua aplicabilidade. Proporcionar a roda de conversa aos sujeitos envolvidos na pesquisa surge na condição de espaço de aproximação entre pesquisador e sujeitos pesquisados.

### **3. 1 Nossos primeiros achados: conceito e práticas de leitura deleite na escola**

O Pnaic deixa claro que o objetivo da realização da “leitura deleite” na escola é que se possa assegurar o espaço no planejamento do/a professor/a o momento para a leitura do texto literário, e que preferencialmente tal prática seja feita de modo prazeroso, divertido e que se abra espaço para posteriores reflexões acerca do que fora lido.

Mas, antes de analisarmos as práticas leitoras das professoras em suas respectivas turmas, uma questão para nós foi importante entender, o que elas pensavam sobre o que venha ser “leitura deleite”. O quadro a seguir explicita o conceito delas, sobre o assunto.

Quadro 2 – Conceituação do que é leitura deleite para as professoras

Categoria	Conceituação do Pnaic	Jaqueline Professora do terceiro ano	Suzana Professora do quarto ano
Leitura deleite	“[...] é proporcionar um espaço para o texto literário que gere prazer e favoreça a ampliação de repertórios de leitura através do professor/a alfabetizador/a”. “O momento da leitura deleite é sempre de prazer e reflexão sobre o que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. É ler para se divertir, sentir prazer, para refletir sobre a vida. Tal prática, no entanto, não exclui as situações em que se conversa sobre textos, pois esse momento também é de prazer, além de ser de ampliação de saberes” (BRASIL, 2012, p. 29).	É deleitar-se com a leitura. É ler e sentir prazer, querer ler mais, como também é contribuir para a formação de leitores. É uma leitura que ensina e informa, desde que exploramos o conteúdo implícito ou explícito.	A leitura deleite é o ato de contar, compartilhar as histórias e experiências, com objetivo de incentivar e despertar o gosto pela leitura.

Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa, 2016.

Observa-se que tanto a professora Jaqueline quanto a professora Suzana apresentam um conceito que dialoga com o que fora apresentado pelo Pnaic desde 2013, que diz que é uma estratégia para a promoção do prazer em ter contato com textos literários, ao mesmo tempo em que possibilita a ampliação do repertório dos textos literários pelo professor alfabetizador. No entanto, Jaqueline, ao dizer que “[...] é uma leitura que ensina e informa, desde que exploramos o conteúdo”, traz em sua fala uma preocupação em relação aos conteúdos atrelados à leitura. Esta preocupação da docente tem sido a da escola sobre a leitura literária, visto que “[...] a leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona.” (COSSON, 2016, p. 26).

É chegada a hora de a escola pública olhar para a leitura fruição com mais solidariedade, para que ela se torne significativa para os/as alunos/as e quando esta for praticada em voz alta é preciso “[...] estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa.” (COSSON, 2016, p. 27). A leitura que diverte e traz prazer ao ouvinte deve ser também conteúdo da escola de hoje, de agora, da escola, pois muitas vezes tem se tornado agência de ampliação de letramento para os pequeninos em formação leitora, acreditamos que desde a educação infantil este processo deve ser iniciado.

Ela, a leitura, é uma questão pública, que por sua vez torna-se “[...] um meio de aquisição de informação (e a escritura um meio de transmissão de informação).” (MORAIS, 1996, p. 12), deste modo é um componente social importante na formação humana dos/as alunos/as. Percebe-se aqui que a leitura possui uma relação para além da informação, através do contato faceiro com o texto literário, que buscamos identificar nas falas das professoras, a sua experiência deleitosa com a leitura e como isto repercute nas práticas em sala de aula, será que elas compartilham ou não suas vivências com as crianças.

Foi a partir da relação pessoal das docentes com a leitura que surgiram as análises das mediações preparadas por elas para suas respectivas turmas, levando em consideração o que de sua trajetória pessoal com a leitura ressoa na prática afetiva com as histórias e a classe; como é a performance<sup>4</sup> delas durante a leitura em voz alta. Acredita-se que é por meio das leituras consideradas mágicas que “[...] seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos

espantados.” (MORAIS, 1996, p. 13). É a relação de intimidade com o texto que nos impulsiona a ler histórias que encantam as crianças.

A professora Jaqueline (terceiro ano) realiza seu planejamento para a leitura em voz alta, é praticado “[...] em casa, faço a leitura tendo a preocupação com a entonação de voz, as pontuações e também a postura do corpo [...] gosto muito de trabalhar com música”. Para a professora Suzana não é diferente, pois ela busca “[...] ler diversas vezes, para treinar a leitura em voz alta [...] tento dar entonação de voz diferente para os personagens e os conflitos e reações que vão surgindo na trama, bem como a expressão corporal, o corpo também tem que falar”.

Planejar o momento que antecede a leitura, em muito contribui para a performance do professor, pois, é na tessitura desta conversa com o texto literário que o/a docente aprimora seu olhar, gestos, timbre de voz é o uso do corpo como extensão da palavra. Estabelecer este diálogo antes da leitura é imprescindível, visto que:

[...] o diálogo da leitura implica ouvir o autor para entender o texto, construir o sentido do texto porque se compartilha os sentidos de uma sociedade; ou construir o sentido do texto ouvindo o autor e compartilhando sentidos de uma sociedade no entendimento do texto. (COSSON, 2017, p. 41).

A busca pelo sentido do texto a ser lido em sala de aula tem início bem antes da mediação de leitura feita pelas professoras, ambas revelam que se preparam para a leitura em voz alta, buscando a escuta atenta do timbre de voz, gestos, olhares, em alguns momentos praticados frente ao espelho por Suzana (professora do quarto ano). Identificar o momento que antecede a leitura deleite nos instigou a buscar saber quais foram as memórias afetivas das crianças acerca das leituras escutadas. A seguir, vejamos na tabela a fala dos estudantes, sobre o momento da leitura em voz alta.

#### **Roda de leitura com as crianças**

<b>NOME</b>	<b>FALA</b>	<b>ANO</b>
Valéria, oito anos	Eu gosto de ouvir minha professora lendo, porque eu sinto, “tipo” é como se eu estivesse lá.	3º
José, nove anos	Ouvir histórias é bom, porque a gente pode aprender a leitura. A gente sabe ler mais um pouquinho, a gente pode até achar	3º

	que esse mundo [dos textos] existe.	
Márcia, 10 anos	[...] antes, eu gostava de ler porque tinha ilustração nos livros. Ficava passando a página e olhando, depois fui vendo fui me interessando. E acho que ler é muito bom. É divertido. Você viaja por muitos lugares. Hoje, os livros que eu mais gosto são os que não têm ilustração, porque a pessoa pode viajar.	4º
Samara, 11 anos	Quando estou lendo, esqueço de todos meus problemas. Fico lendo e imaginando, e esqueço tudo.	4º

Fonte: Elaborado pela autora. Dados da pesquisa, 2016.

O ato de planejar a leitura em voz alta reverbera na memória afetiva das crianças, gerando paisagens sonoras embaladas pela voz da professora que lê neste processo de recepção do texto lido em voz alta, a interação é tamanha que faz Samara (11 anos) “esquecer todos seus problemas”, ela é transportada ao mundo do faz de conta e aprecia de forma introspectiva o texto, de maneira singular e imaginativa; esse processo de recepção é, portanto, mediado dialogicamente pelas diversas vozes tecidas entre elas e o texto, essa leitura vocalizada se torna essencial dentro do “[...] seio de uma cultura na qual a voz, em sua qualidade de emanção do corpo, é um motor essencial da energia coletiva.” (ZUMTHOR, 2014, p. 62).

Na ação pedagógica de formar leitores “[...] o que de melhor a escola pode fazer com os alunos para torná-los leitores é propiciar situações de contato e de liberdade com o livro, estimulando uma experiência prazerosa com a leitura.” (FERRAREZI JÚNIOR; CARVALHO, 2017, p. 79), e ao ouvirmos as crianças percebemos o quanto o momento reservado à leitura deleite foi precioso e como voz e corpo podem potencializar ou não a recepção do texto pelos alunos levando a experiência de leitura para além dos muros da escola, além de terem referência de um modelo de leitor que possibilite as crianças imitação.

Um passo importante, sem dúvida foi proporcionado pelo Pnaic, ao disponibilizar aos professores/as um acervo literário, com vista para organização dos cantinhos de leitura. Esta aproximação com os livros favoreceu a “[...] convivência com a fantasia legítima a leitura como prática social.” (SIMÕES, 2012, p. 196). Através da aproximação das crianças com os livros formou o que Simões designa como comunidade de leitores, segundo a autora, essa constituição acontece quando há uma promoção “[...] variada e sistemática de situações de troca de experiências,

depoimentos, leituras compartilhadas que favoreçam o intercâmbio de vivências, estimulem produções autorais e constituem novas aprendizagens.” (SIMÕES, 2012, p. 196).

Sabemos que a relação do leitor em formação e a leitura literária não ocorrem apenas no âmbito da escola, porém em se tratando da escola pública, este é um espaço favorável tanto para aprender a gostar de ler quanto não gostar. Mas, literatura e escola possuem um ponto em comum, ambas são de natureza formativa (GUERRA, 2013).

Neste processo formativo, interessa-nos saber quais foram as aprendizagens adquiridas neste processo de formação leitora das crianças, em relação às histórias lidas em voz alta pelo/a professor/a. Segundo Guerra (2013, p. 98), “ao escutarem uma história, os ouvintes se distanciam momentaneamente da realidade objetiva e num processo catártico experienciam emoções que contribuem para o processo de maturação”, gerando no sujeito a possibilidade de uma participação mais crítica na sociedade.

Portanto, neste processo de formação leitora dos estudantes dos anos iniciais, destacamos aqui, principalmente, as em período de apropriação da tecnologia da leitura a promoção do contato com livros e suas histórias por meio de um leitor mais experiente, no caso da escola, o/a professor/a se torna uma ação essencial para a formação do leitor literário.

## **Considerações finais**

Em virtude de o nosso objeto de pesquisa ser perceber a transposição didática realizada pelo professor, no que se refere as práticas do/a professor/a que passou pela formação do Pnaic, focando nosso olhar para o momento destinado a leitura deleite, constatamos que para além dos momentos formativos, o planejamento, os saberes de experiência, o acesso aos livros tanto pelo/a professor/a quanto pelo estudante aliado a cultura organizacional da escola influencia diretamente na formação leitora dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental.

O Pnaic trouxe inegáveis contribuições acerca do estímulo a formação leitora de professores e alunos, sobretudo ao colocar nas mãos dos professores as caixas de literatura para que os livros de fato chegassem nas mãos das crianças e até mesmo dos docentes. Formaliza e sistematiza a “leitura deleite”, aquela cujo único e exclusivo objetivo é promover prazer, reflexão, sonhos e fantasias, categoria que por sua vez, proporciona as crianças um mundo de significados e espaços a serem preenchidos nos textos. Tal estudo revelou importância das práticas de leitura deleite, leituras estas que têm com intencionalidade o despertar de prazer e encantamento dos sujeitos que vivenciam estas mediações.

No entanto, vale ressaltar que não geramos no outro a vontade de ler sem que antes esta leitura não tenha provocado em nós sensações, sentimentos e imaginações sem fim. Ela, a leitura, exige esforço, planejamento, treino. Não se pode aceitar que se pegue um livro de última hora, para realizar leitura em voz alta e se espere que os estudantes o apreciem em sua plenitude.

Dessa forma, para que os professores alfabetizadores possam ser bem-sucedidos, precisam fazer uso rotineiro do rico acervo disponibilizado em suas salas, bem como, planejar a disponibilidade dos livros para que as crianças os apreciem, toquem, olhem, folheiem, leiam sem obrigação.

Diante do o exposto, as professoras ao conceituarem leitura deleite como uma leitura que é realizada para sentir prazer, para deixar o desejo de querer mais leitura, aquela que contribui com a formação de leitores, tanto quando ensino como quando informa, sejam explorados o conteúdo implícito ou explícito. Isso, porque a leitura lida ou contada, na qual se compartilha histórias e experiências sempre visando o despertar pelo gosto da leitura expressa, em suas práticas, as concepções que as fundamentam.

As análises também demonstram que a leitura é uma porta aberta para a sensibilidade humana, porque possibilita que crianças desfrutem de palavras e histórias num espaço propício para sua própria evolução e construção de novos leitores.

Os resultados demonstram, sobretudo, que os alunos das turmas de 3º e 4º ano, cujos professores cursaram o Pnaic, expressam muito bem o resultado da experiência prazerosa com a leitura por meio de sentimentos e emoções vivenciadas

nos contextos de práticas de leitura deleite, uma leitura capaz fazer José (nove anos) afirmar que “ouvir histórias é bom, porque a gente pode aprender a leitura. A gente sabe ler mais um pouquinho, a gente pode até achar que esse mundo [dos textos] existe”.

## Notas

\* Simone de Souza Silva é mestre em Educação pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, professora da Educação Básica do município de Maceió e formadora de professores do mesmo município. E-mail: simone.souza.silva@hotmail.com

\*\* Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1996), doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2001) e pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal (2011). É professora associada IV da Universidade Federal de Alagoas (2002), vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL e dos Cursos de Graduação em Pedagogia presencial e à distância e do Curso de Letras. E-mail: maria\_auxiliadora8@hotmail.com

<sup>1</sup> A referida investigação teve por objetivo analisar a influência da leitura deleite na formação leitora de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental a partir da análise das práticas de professoras que participaram da referida formação.

<sup>2</sup> Ferramenta utilizada pelo professor para transformar conhecimento científico em conhecimento escolar.

<sup>3</sup> A expressão está entre aspas, pois seu sentido não é trivial/convencional. É o Pnaic quem apresenta o termo e o conceitua, no sentido de que é a leitura que reverbera o belo, a emoção e apreciação pelo texto literário.

<sup>4</sup> Entendemos performance toda ação daquele que realiza a leitura buscando no corpo uma extensão da leitura, trazendo elementos das artes e certa teatralidade (ZUMTHOR, 2014).

## Referências

AMARILHA, Marly. Leitura do professor: o valor do riso. In: AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e leitura: trajetórias de sentidos**. João Pessoa: Ed. da UFPB-PPGED; UFRN, 2003.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. [Prefácio de José Juvêncio Barbosa]. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Currículo no ciclo de alfabetização: consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem: ano 2, unidade 1.** Brasília, DF, 2012.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Currículo no ciclo de alfabetização: consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem: ano 3, unidade 1.** Brasília, DF, 2012.

BRENNAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** São Paulo, Nacional, 1975.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2017.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica.** São Paulo: Parábola, 2017.

FILIPOUSKI, Ana Maria Ribeiro. A formação do leitor jovem: temas e gêneros / Ana Maria Ribeiro Filipouski; Diana Maria Marchi. – Erechim, RS: Edelbra, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUERRA, Maria do Rosário Beserra. Animador e a construção da leitura. In: AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e leitura: trajetórias de sentidos.** João Pessoa: Ed. da UFBP-PPGED; UFRN, 2003. p. 97-108.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 15. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

LOVATO, Regiane Gava. **O pacto nacional pela alfabetização na idade certa (Pnaic 2013) e os professores do Município de Castelo – ES.** 2016. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MANZINI, Eduardo J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26, 27, p. 149-158, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORAIS, José. **A arte de ler**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

PASTORELLO, Lucia Maria. **Leitura em voz alta e apropriação da linguagem pela criança**. 2010. 155f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2010.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

SILVA, Márcia Cabral da. Leitura de literatura na escola. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **A leitura literária como experiência**. São Paulo: Parábola, 2013. p.51-65.

SIMÕES, Luciene Juliano. **Leitura e autoria: planejamento em língua portuguesa e literatura**. Colaboração de Ana Mariza Filipouski, Diana Marchi e Joice Welter Ramos. Ilustrações de Eloar Guazzelli. Erechim: Edelbra, 2012.

SZYMANSKI, Heloísa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Celia Almeida Rego (Org.). **Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2004.

TERRA, Ernani. **Da leitura literária à produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em: dezembro de 2018.

Aprovado em: março de 2019.